
Análise
das classes
sociais
na sociedade
chinesa



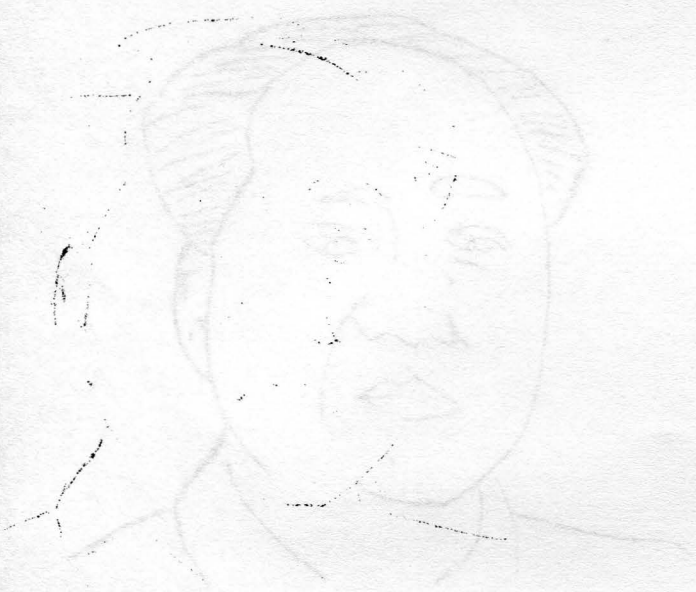
MAO

TSETUNG

GRUPO DE TRABALHO SOBRE "O MOVIMENTO OPERÁRIO"

TEXTO DE APOIO Nº1

cultura nova



ANALISE
das classes
sociais
no socialismo
chineses

MARX

1974

GRUPO DE TRABALHO SOBRE O MOVIMENTO CHINESE

TEXTO DE TRABALHO

Cultura e Trabalho

ANALISE DAS CLASSES NA SOCIEDADE CHINESA

(Março de 1926)

INTRODUÇÃO-Artigo escrito pelo camarada Mao-Tse-Tung para combater dois tipos de desvios que então se registavam no Partido. Os partidários do primeiro tipo, representados por Tchen-Tu-siu, interessavam-se apenas pela colaboração com o Kuomintang e esqueciam os camponeses. Era o oportunismo de direita. Os partidários do segundo tipo, representados por Tchan Cuo-tao, dispensavam toda a sua atenção ao movimento operário e esqueciam igualmente os camponeses. Era o oportunismo de esquerda. Os partidários dessas duas correntes oportunistas sentiam bem a insuficiência das forças em luta ao lado da revolução, mas não sabiam onde ir buscar as forças indispensáveis e encontrar um aliado que fosse numeroso. O camarada Mao Tse-Tung demonstrou então que os mais numerosos e fieis aliados do proletariado chinês eram os camponeses, resolvendo assim o problema do aliado principal da revolução chinesa. Além disso, o camarada Mao Tse-Tung demonstrou então que a burguesia nacional constituía uma classe hesitante, em cujo seio haveria de produzir-se uma cisão logo que se verificasse a expansão da revolução, passando-se a respectiva ala direita para o campo do imperialismo. Os acontecimentos de 1927 forneceram a respectiva confirmação.

Quem são os nossos inimigos? Quem são os nossos amigos? Esse problema é de importância primordial para a revolução. A razão básica porque as anteriores lutas revolucionárias na China obtiveram tão fracos resultados está no facto de não se ter sabido fazer a união com os verdadeiros amigos para atacar os verdadeiros inimigos. O Partido revolucionário é o guia das massas, não podendo portanto a revolução alcançar a vitória se este as conduza por uma via errada. Para não dirigirmos as massas pela falsa via, para estarmos seguros de alcançar definitivamente a vitória na revolução, devemos prestar atenção à unidade com os nossos verdadeiros amigos para atacar os nossos verdadeiros inimigos. Para distinguir os verdadeiros amigos dos verdadeiros inimigos, impõe-se proceder a uma análise geral da situação económica das distintas classes da sociedade chinesa, bem como da atitude que estas tomam frente à revolução.

Qual é pois a situação das diferentes classes na sociedade chinesa?

A CLASSE DOS SENHORES DE TERRAS E A BURGUESIA COMPRADORA-Na China, país economicamente atrasado e semi-colonial, a classe dos senhores de terras e a burguesia compradora são os vassallos perfeitos da burguesia internacional; a sua existência e desenvolvimento dependem do imperialismo. Tais classes representam as relações de produção mais atrasadas e mais reaccionárias, e constituem um obstáculo ao desenvolvimento das forças produtivas na China. A sua existência é de todo incompatível com os objectivos da revolução chinesa. Isso é particularmente verdadeiro com respeito à classe dos grandes senhores de terras e à classe dos grandes compradores, os quais estão invariavelmente ao lado do imperialismo e constituem a força contra-revolucionária extrema. Os seus representantes políticos são os estadistas(1) e a ala direita do Kuomintang.

A MÉDIA BURGUESIA-Essa classe representa as relações capitalistas de produção nas cidades e nas zonas rurais da China. Por média burguesia entende-se, sobretudo, a burguesia nacional. A sua atitude com respeito à revolu-

ção chinesa é contraditória: quando sente com dor os golpes que lhe vibra o capital estrangeiro, assim como o jugo que lhe é imposto pelos caudilhos militares, ela entende a necessidade de revolução e aprova o movimento revolucionário dirigido contra o imperialismo e os tais caudilhos; mas assim que o proletariado do nosso país se lança de uma maneira ousada e vigorosa na revolução, assim que o proletariado internacional começa a prestar à revolução uma ajuda activa a partir do exterior, logo que a média burguesia começa a sentir que a realização do seu sonho mais caro — elevar-se ao nível da grande burguesia — periga, as dúvidas passam a dominá-la relativamente à revolução. A sua plataforma política é a criação de um Estado onde uma classe a burguesia nacional deve reinar. Certo indivíduo, que se apresenta como um (verdadeiro discípulo) de Tai tsi-tao (2), declarou no TCHENPAO (3) de Pequim: (levantem o vosso punho esquerdo para abater o imperialismo e o direito para abater o Partido Comunista). Tais propósitos expressam claramente a posição contraditória da burguesia nacional e o receio que a atormenta. Essa classe pronuncia-se contra a interpretação, segundo a teoria da luta de classes, do princípio do bem estar do povo formulado pelo Kuomintang, pronuncia-se contra a realização, por este, de uma aliança com a Rússia e pronuncia-se contra a admissão de comunistas e elementos de esquerda no seio do Kuomintang. Mas a aspiração dessa classe de criar um estado onde reine a burguesia nacional é absolutamente irrealizável uma vez que a situação internacional se caracteriza pelo combate decisivo de duas forças gigantescas: a revolução e a contra revolução. Essas duas forças gigantescas levantaram dois grandes estandartes: um, o estandarte da revolução, a bandeira vermelha, foi levantado pela III Internacional, chamando todas as classes oprimidas do mundo a unirem-se à sua volta; o outro, o estandarte da contra revolução, a bandeira branca foi levantado pela Sociedade das Nações, a qual chama todas as forças contra revolucionárias do mundo a unirem-se sob essa bandeira. Muito em breve, no seio das classes intermédias produzir-se-á inevitavelmente uma cisão: umas irão à esquerda, de encontro à revolução, e outras, à direita, de encontro à contra revolução. Para elas não haverá qualquer possibilidade de ocuparem uma posição "independente". Assim, a concepção da média burguesia chinesa, sonhando com uma revolução "independente" em que assumiria o papel principal, é pura ilusão.

A PEQUENA BURGUESIA — Pertencem à pequena burguesia sectores tais como o dos camponeses proprietários, os proprietários de empresas de artesanato, as camadas inferiores dos intelectuais — estudantes, professores de escolas primárias e secundárias, pequenos funcionários, pequenos empregados, pequenos advogados — e os pequenos comerciantes. Tanto do ponto de vista do número como do ponto de vista da sua natureza de classe, a pequena burguesia merece que se lhe preste uma séria atenção. Os camponeses-proprietários das empresas de artesanato, estão empenhados em explorações que se caracterizam pelas dimensões reduzidas da respectiva produção. Embora os diferentes sectores da pequena burguesia se encontrem todos na situação económica característica da pequena burguesia, eles dividem-se em três grupos. O primeiro compõe-se de gente desafogada, noutros termos, pessoas que, depois de satisfazerem as necessidades que lhes são próprias, dispõem ainda, anualmente, dum certo excedente em dinheiro ou cereais, produto de trabalho manual ou intelectual. Tais indivíduos aspiram muito acentuadamente a enriquecer, sendo com o maior zelo que se inclinam diante do Marechal Tchao (4) Sem sonhar com grandes riquezas, aspiram a ascender ao nível da média burguesia. Em geral, quando pensam nos pequenos ricos com direito a honrarias bagan-se de desejo. Mas são cobardes: têm medo das autoridades, e a revolução inspira-lhes igualmente um certo receio. Muito próximos, pela situação económica, da média burguesia, são dados a crer na propaganda desta e em dúvidas quanto à revolução. Esse grupo representa uma minoria no seio da pequena burguesia, da qual constitui a ala direita. O segundo grupo compõe-se de pessoas cuja situação económica permite que satisfaçam, no essencial as suas necessidades. Tais indivíduos distinguem-se de uma maneira sencilla dos do primeiro grupo. Também sonham com riquezas, mas o Marechal Tchao não lhes permite de modo algum; aliás, a opressão e a exploração a que os subme-

submetem o imperialismo, os caudilhos militares, os senhores de terras feudais e a grande burguesia compradora, opressão e exploração que recentemente se reforçaram de modo considerável, obrigaram-nos a compreender que os tempos antigos já se foram. Eles dão-se actualmente conta de que, trabalham do como antes, correm o risco de não poder continuar a assegurar a existência, sendo-lhes necessário alongar a jornada de trabalho, labutar de manhã à noite e redobrar de esforços nas suas profissões. E ei-los que começam a expressar-se com injurias, tratando os estrangeiros de "diabos estrangeiros", os caudilhos militares de "extorcionários" e os despotas locais e os maus nobres de "esfoladores". Pelo que respeita ao movimento anti imperialista e anti militarista, duvidam do respectivo sucesso (pensam que o poder dos estrangeiros e dos caudilhos militares é muito grande) e, não ousando arriscar-se a tomar parte nele, preferem adoptar uma posição neutra. Mas de maneira nenhuma agem contra a revolução. Esse grupo é muito vasto, constituindo do cerca de metade do conjunto da pequena-burguesia. Ao terceiro grupo pertencem indivíduos cujas condições de vida pioram de dia para dia. Na sua maioria, trata-se de indivíduos que outrora levavam uma existência cómoda, mas a quem se tornou agora difícil conseguir o mínimo indispensável para viver agravando-se-lhes progressivamente a situação. No final de cada ano quando fazem as suas contas, exclamam aterrados: "Como! Ainda défices?". Como outrora viviam relativamente bem, e agora vêem a situação agravar-se de ano para ano, engrossando-se-lhas as dívidas e passando a levar uma existência miserável, "a simples evocação do futuro provoca-lhes calafrios". Eles sofrem tanto mais moralmente quanto é certo que ainda conservam uma situação particularmente viva dos dias melhores, tão diferentes dos actuais. Como são bastante numerosos, a sua importância para o movimento revolucionário é grande. É a ala esquerda da pequena burguesia. Em tempo normal, as atitudes desses três grupos da pequena burguesia com respeito à revolução são diferentes. Mas, em tempo de guerra, isto é, nos períodos de expansão revolucionária desde que a aurora da vitória começa a luzir, vêem-se participar na revolução não só os elementos de esquerda da pequena burguesia, mas igualmente os elementos que aí ocupavam uma posição de centro; e mesmo os elementos de direita, levados pelas ondas revolucionárias do proletariado e dos elementos de esquerda da pequena burguesia, são constrangidos a juntar-se às fileiras da revolução. As experiências do movimento de 30 de Maio de 1925(5) e do movimento camponês em diversas regiões, demonstram a justeza de tal afirmação.

O SEMI-PROLETARIADO- Aqui por semi-proletariado entendemos: 1-a esmagadora maioria dos camponeses semi-proprietários; 2-os camponeses pobres; 3-os pequenos artesãos; 4-os empregados comerciais; 5-os mercadores ambulantes. A esmagadora maioria dos camponeses semi-proprietários e os camponeses pobres formam uma massa rural enorme. Aquilo que se designa por problema camponês é, no essencial, o problema relativo a essas categorias. As explorações dos camponeses semi-proprietários, dos camponeses pobres e dos pequenos artesãos são caracterizadas por uma produção ainda mais reduzida do que a dos camponeses proprietários e a dos proprietários de empresas de artesanato. Embora a maioria esmagadora dos camponeses semi-proprietários e os camponeses pobres constituam o semi-proletariado, essas duas categorias, tomadas em conjunto, dividem-se ainda, segundo a situação económica, nas camadas superior, média e inferior. A existência dos camponeses semi-proprietários é mais penosa do que a dos camponeses-proprietários, pois os cereais que possuem não lhes chegam, geralmente, para mais de seis meses, de tal maneira que, para adquirirem meios suplementares de subsistência, vêem-se obrigados a tomar terras em arrendamento, ou a vender parte da sua força de trabalho ou, enfim, a exercer um certo comércio. Nos fins da Primavera e começos do Verão, quando a colheita do ano cessante começa a esgotar-se e a próxima está ainda em erva, eles vêem-se obrigados a obter dinheiro a alto juro e a comprar cereais a preços elevados. Essa parte da população camponesa tem pois de levar uma existência mais difícil que a dos camponeses-proprietários, os quais não dependem de quem quer que seja, embora os semi-pro

prietários tenham uma vida melhor que os camponeses pobres. Com efeito, estes não dispõem de quaisquer terras, cultivam terras alheias e, pelo seu trabalho, recebem metade, ou até menos, da respectiva colheita. Embora os camponeses semi-proprietários recebam também metade ou menos da produção das terras que tomam em arrendamento, nada os impede que guardem a totalidade da colheita proveniente da sua própria terra. É por isso que os camponeses semi-proprietários têm um espírito mais revolucionário que os camponeses proprietários, mas menos revolucionário que os camponeses pobres. Os camponeses pobres são rendeiros e encontram-se submetidos à exploração dos senhores de terras. Segundo a situação económica, eles podem dividir-se em dois grupos. O primeiro dispõe dum material agrícola que, em termos relativos, é suficiente, assim como certos meios financeiros. Esses camponeses recebem uma parte da colheita, parte que pode atingir a metade daquilo que produzem com o seu trabalho anual. Eles compensam o que lhes falta semeando cereais secundários, pescando, criando aves e porcos ou vendendo uma parte da sua força de trabalho; dessa maneira chegam a assegurar, mal ou bem, a subsistência, esperando, no meio da sua pobreza e penúria, sobrepujar o ano. A vida que levam é mais penosa que a dos camponeses semi-proprietários mas, de qualquer modo, mais fácil que a dos camponeses pobres do segundo grupo. Têm um espírito mais revolucionário que os camponeses semi-proprietários, mas menos que os camponeses pobres do segundo grupo. Pelo que respeita a estes últimos, regista-se uma falta de material agrícola suficiente, bem como de meios financeiros, carecem de adubos e apenas conseguem magras colheitas. Uma vez pagas as rendas, já não lhes fica grande coisa. Por isso têm maior necessidade de vender uma parte da sua própria força de trabalho. Nos anos de fome, nos meses difíceis, para compensar mendigam empréstimos, junto dos parentes e amigos, dumas quantas medidas de cereal, que lhes permitam manter-se ainda que seja por três ou cinco dias; as suas dívidas engrossam e convertem-se num fardo insuportável. Constituem a parte mais miserável da população camponesa, e são muito sensíveis à propaganda revolucionária. Nós incorporamos os pequenos artesãos no semi-proletariado. Com efeito, se bem que disponham de meios primitivos de produção e exerçam profissões "livres", eles também se vêem frequentemente obrigados a vender a sua força de trabalho; a sua situação económica corresponde, sensivelmente, à dos camponeses pobres. O pesado fardo das despesas familiares, a desproporção entre o salário e o mínimo vital, as privações incessantes, o medo de perder o trabalho, tudo isso os aparenta aos camponeses pobres. Os empregados comerciais são os trabalhadores assalariados das casas de comércio. Eles têm de manter a família com o seu magro salário, ora, como o preço das mercadorias aumenta de ano para ano, enquanto que os aumentos de salário não se verificam senão de vez em cada vários anos, esses indivíduos lamentam-se perpétuamente da sua condição e da sua sorte todas as vezes que os encontramos. A sua situação não difere muita da dos camponeses pobres e pequenos artesãos, sendo por isso muito sensíveis à propaganda revolucionária. Os mercadores ambulantes, quer transportem as mercadorias suspensas duma vara, quer as exponham em lojas ambulantes, têm um capital insignificante, não lhes chegando o pouco que têm para viver. Encontram-se sensivelmente na mesma situação que os camponeses pobres e os tais, do mesmo modo, interessados numa revolução que mude a ordem actual das coisas.

O PROLETARIADO - O proletariado industrial moderno conta, actualmente, cerca de dois milhões de indivíduos. Esse número reduzido explica-se pelo atraso do nosso país no plano económico. Esses operários são empregados essencialmente em cinco sectores - caminhos de ferro, minas, transportes marítimos, indústria têxtil e construções navais - encontrando-se uma parte importante deles sob o jugo de empresas estrangeiras. Embora os efectivos do proletariado industrial moderno sejam reduzidos, é ele quem representa as novas forças de produção e constitui a classe mais progressiva da China moderna, tendo-se transformado na força dirigente do movimento revolucionário. A simples observação da força que se revelou nas greves dos quatro últimos anos por exemplo, a dos marinheiros, a dos operários ferroviários, a

dos operários das hulheiras de Cailuan e das hulheiras de tsiaotsuo, a greve de Chamien, e as grandes greves de Xangai e de Hong-Kong após os acontecimentos de 30 de Maio, mostra, de maneira convincente, o grande papel que o proletariado industrial desempenha na revolução chinesa. Isso é possível primeiro, pela sua concentração, nenhum outro grupo pode rivalizar com ele nesse plano, e, segundo, porque os operários da indústria encontram-se numa situação económica extremamente penosa. Estão privados de meios de produção, não dispõem mais do que dos seus próprios braços e não têm qualquer esperança de enriquecer, encontrando-se, ademais, submetidos a um tratamento ferocíssimo por parte dos imperialistas, dos caudilhos militares e da burguesia. Essa a razão porque se mostram particularmente capazes para a luta. As forças dos culis das cidades merecem igualmente que se lhes dispense uma séria atenção. No interior deste grupo, a maioria é constituída por estivadores de cais e condutores de carrinhos de mão, contando-se igualmente nele os limpadores de latrinas, estradas, etc. Não têm mais do que os próprios braços. Pela situação económica, estão próximos dos operários da indústria não lhes cedendo a não ser no grau de concentração e na importância do seu papel na produção. A agricultura capitalista moderna está ainda fracamente desenvolvida na China. Sob a designação de proletariado agrícola compreendem-se os assalariados agrícolas que trabalham ao ano, ao mês ou ao dia. Esses trabalhadores não dispõem nem de terras nem de material agrícola, nem de quaisquer meios financeiros, não podendo portanto subsistir a não ser vendendo a sua força de trabalho. Do ponto de vista da duração da jornada de trabalho, magreza do ganho, igomínia de condições de existência e insegurança de emprego, estão em situação ainda pior que os demais operários. Essa parte da população rural está submetida às mais pesadas privações e ocupa, no movimento camponês, uma posição tão importante como a dos camponeses pobres.

LUMPEN- PROLETARIADO - Existe também um numeroso lumpen-proletariado composto de camponeses que perderam as suas terras e de operários artesanais sem trabalho. São os elementos mais instáveis da sociedade. Eles mantêm por toda a parte organizações de carácter secreto, como o San-ho-huei nas províncias do Fuqien e do Quantum, o Quelaohuei nas províncias do Hunan, Hupei, Cuedjou e Setchuan, o Tataohuei nas províncias do Anghuei, Honan, Xantum, o Tsailihuei na província do Tchili e nas três províncias do Nordeste, o Tchimam em Xangai e outras localidades, organizações que, originariamente, eram de ajuda mútua na luta política e económica. A atitude com relação a esse grupo constitui um dos problemas difíceis que se apresentam à China. Tais indivíduos são capazes de lutar com a maior coragem, mas são propensos a acções destrutivas. Conduzidos de uma maneira correcta, podem converter-se numa força revolucionária.

De tudo quanto acaba de ser dito ressalta que os nossos inimigos são todos os que estão conluiados com o imperialismo - os caudilhos militares, os burocratas, a classe dos compradores, a classe dos grandes senhores de terras e o sector reaccionário dos intelectuais que lhe é anexo. A força dirigente da nossa revolução é o proletariado industrial. Os nossos mais chegados amigos são a totalidade do semi-proletariado e a pequena burguesia. Quanto à média burguesia, sempre vacilante, a sua ala direita pode transformar-se em nossa inimiga e a esquerda, em nossa amiga, devendo no entanto manter-nos constantemente em guarda e não permitir que tal classe venha criar confusão nas nossas fileiras.

NOTAS

(1)- Trata-se de um punhado de vis políticos fascistas que fundaram a Liga da juventude "Estatal" da China, organização que mudou em seguida o nome para Partido da juventude da China. Recebendo subsídios dos diferentes grupos reaccionários no poder, assim como dos imperialistas, os "estadistas" especializaram-se em intervenções contra-revolucionárias dirigidas contra o Partido Comunista da China E a União Soviética.

(2)- Tai Tsi-tao um dos velhos membros do Kuomintang. Em certa altura o-

cupou-se de especulações na bolsa, com Tchiang Kai-chek. Após a morte de Sun Yat-sen, em 1925, organizou uma campanha de perseguição ao Partido Comunista da China, com o que preparou moralmente o golpe de Estado contra revolucionário de Tchiang Kai-chek de 1927. Durante um longo período foi o cão fiel de Tchiang Kai-chek. Em Fevereiro de 1949, constatando que a dominação de Tchiang Kai-chek corria para o desmonoramento inevitável e vendo que a sua própria situação não tinha saída, suicidou-se.

(3)- Tchempao: órgão publicado em Pequim pelo grupo político dos "investigadores", um grupo que apoiava a dominação dos caudilhos militares do Norte

(4)- Marcehal Tchao, também chamado Tchao Cum-mim é o deus da riqueza na mitologia popular chinesa

(5)- Trata-se de um movimento nacional anti-imperialista, em protesto contra o massacre do povo chinês perpetrado pela polícia inglesa de 1925, em Xangai. Em Maio de 1925, num certo número de fábricas japonesas de têxteis em Tsintao e em Xangai, rebentou um movimento de greve que tomou enormes proporções. Esse movimento foi esmagado pelos imperialistas japoneses e seus lacaios, os caudilhos militares do Norte. A 15 de Maio, no seguimento das medidas de repressão tomadas pelos patrões contra os operários das fábricas japonesas de têxteis de Xangai, o operário Cu Djem-hon foi morto a tiro, registando-se mais de uma dezena de feridos. A 28 de Maio, sob ordem das autoridades reaccionárias, foram executados oito operários em Tsintao. A 30 de Maio, no território das concessões estrangeiras, mais de 2000 estudantes de Xangai passaram á agitação em favor dos operários em greve, e no sentido da devolução das concessões à China. Depois, mais de 10 000 xangaineses reglizaram uma concentração diante do comando geral da polícia da concessão inglesa. Os manifestantes gritavam as palavras de ordem de "Abaixo o imperialismo!", "Povo Chinês, une-te!", etc. A polícia inglesa abriu fogo matando e ferindo numerosos estudantes. Tais acontecimentos tornaram-se célebres sob a designação de "Acontecimentos Sangrentos de 30 de Maio". Essa repressão selvagem suscitou a colera do povo chinês e uma vaga de manifestações e de greves de operários, estudantes e comerciantes percorreu o país, culminando num imenso movimento anti-imperialista.